

Boca do Mato: uma comunidade de pretos-forros

Aluno: Guido Dowsley Paes Leme Ribeiro

Orientadora: Regiane Augusto de Mattos

Introdução

“Tudo indica que a serra dos Pretos Forros tenha sido um quilombo...”. Martinho da Vila – que foi morador da comunidade –, em seu livro “Memórias Póstumas de Teresa de Jesus”, começa o capítulo sobre a comunidade Boca do Mato com essas palavras. A Boca do Mato, comunidade que se encontra na serra dos Pretos Forros, ganhou esse nome devido a sua forma física e localidade. Pois, “ao pé da serra havia um descampado que ia dar num matagal que acaba numa floresta...”. (DA VILA, 2003). Já a serra, tem esse nome devido aos seus primeiros moradores – pretos alforriados e foragidos.

A pesquisa busca resgatar a história desse antigo quilombo, localizado no bairro Lins de Vasconcelos, na zona norte do Rio de Janeiro. Uma comunidade antiga, de extrema importância para história do Brasil, que não se tem ao certo a data inicial de sua ocupação e que, ao mesmo tempo que é excluída pelos poderes vigentes de cada época que ela atravessa, essas mesmas forças se impõem de diferentes formas: física, psicológica e epistemologicamente.

Objetivo

Este trabalho tem como objetivo estudar a história e as manifestações culturais, com destaque para a Folia de Reis, da comunidade Boca do Mato localizada no Rio de Janeiro, e refletir sobre os diferentes processos históricos de marginalização social e racial que se manifestam inclusive na ocupação desse espaço físico. Essa pesquisa está inserida num projeto mais amplo intitulado “Constelações Transatlânticas: Conexões culturais entre as comunidades Boca do Mato - RJ da Ilha de Moçambique – MZ”, que conta com a participação de professores, estudantes de pós-graduação e alunos de Iniciação Científica. Esse projeto pretende realizar uma aproximação das experiências históricas entre duas comunidades marginalizadas – Boca do Mato e Cidade Macuti, na Ilha de Moçambique – e que perpassam pelos processos de escravização e de colonização, mas também pelas narrativas de luta e resistência que ocorreram no interior destes espaços.

O negro na senzala cruciante
Olhando o céu pedia a todo instante
Em seu canto e lamentos de saudade
Apenas uma coisa, liberdade
Na região denominada Preto Forro
Lá na Serra do Mateus
Na Boca do Mato
Todo negro dono de sua liberdade
Na maior felicidade
Se dirigia para lá
Reunidos davam início à festança
Com pandeiros, tamborins, xexeréis e ganzás
Oeô, oea
Saravá meu povo
E salve todos os Orixás
Sob o clarão da lua
E o fogo do lampião
A capoeira era jogada
Sempre ao som de um refrão
"Você me chamou de moleque
... Moleque é tu"
Rio Grande do Sul
Seu folclore sua gente
Também participaram
Desta festa diferente
Oeô, oea

Rio Grande do Sul na festa do preto forro

G.R.E.S. Unidos de São Carlos

Metodologia

Fazendo um paralelo com a história da África, a história do negro no Brasil foi, na maioria das vezes, escrita e contada por uma epistemologia ocidental. Nesse processo, é construído uma narrativa única, que serve somente ao interesse de quem a está contando. Por consequência, ainda pouco se sabe sobre,

“esse filme desarticulado e parcelado, que não é senão a imagem de nossa ignorância, nós o transformamos, por uma formação deplorável ou viciosa, na imagem real da história...” (KI-ZERBO, 1981, p.XXXII)

Então, concordando com o historiador burquinabê Ki-Zerbo (1981), quando afirma que a história da África deve ser estudada a partir da perspectiva africana e de forma interdisciplinar, entendemos que assim deve ser feito com a história do negro no Brasil. Por isso, neste estudo, lançamos mão das teorias e metodologias da história, antropologia, geografia e do audiovisual. Logo, o trabalho se desenvolve com base em leituras preparatórias, sobre os principais temas gerais ao qual a pesquisa se relaciona e as problemáticas do projeto mais amplo. Requer, também, uma pesquisa documental em arquivos, bibliotecas e em centros de estudos.

Um outro passo necessário, é a ida a campo. É nesse momento que podemos ter um contato direto e perceber as diferentes dimensões da história da comunidade. Assim, seremos capazes de acessar a memória dos moradores através de: entrevistas, participando do cotidiano deles, das festividades, como a festa dos Erês e Folia de Reis e realizando uma pesquisa nos arquivos pessoais e das associações referentes à Boca do Mato.

Por fim, na procura de uma linguagem mais acessível a todos e que consegue capturar coisas que a escrita não se faz ideal, utilizamos a técnica audiovisual. Essa nos serve para documentar e registrar os dados, para interagir com o grupo e, a partir dessa interação, o grupo pode tecer comentários e representações sobre alguma fotografia específica. Além de ser um elemento de discurso antropológico (GODOLPHIM, 1995).

Detalhamento dos resultados parciais obtidos no período

No âmbito do PIBIC, essa pesquisa se iniciou em maio de 2019 com a procura bibliográfica sobre a Serra dos Pretos-Forros, mais especificamente sobre a comunidade Boca do Mato. Entretanto, tivemos dificuldades de achar livros e artigos que pudessem nos ajudar na pesquisa – o que nos faz pensar em todo um processo de apagamento não só das comunidades negras e das suas diferentes formas de existir, mas antes da sua própria história. A princípio, encontramos três fontes bibliográficas:

DA VILA, Martinho, Memórias Póstumas de Teresa de Jesus. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2003.

GOMES, Flávio S. Quilombos/Remanescentes de quilombos. In: Dicionário da Escravidão e liberdade. São Paulo, Editora Schwarcz S.A., 2018, p. 367.

MESQUITA, Claudia. De Copacabana à Boca do Mato: O Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

Essas três fontes nos ajudam a reconstruir o processo de ocupação da comunidade, porém de forma muito incompleta e dúbia ainda. Da Vila e Gomes apontam para a existência de um quilombo na região denominada Pretos Forros. Gomes nos indica, também, uma data de um possível início de ocupação, “em 1814, no Rio, falava-se de quilombos na Tijuca; aliás, parte da região seria marcada nos mapas coloniais como ‘serra dos Pretos Forros’” (GOMES, 2018, p.372), que de acordo com Mesquita (2008, p.280), esse quilombo já existia no século XVII.

Sua expansão, como já é de se imaginar, se dá de forma precária em termos urbanísticos. Seguindo o raciocínio de Mesquita (2008), traçamos um paralelo do crescimento da cidade do Rio de Janeiro com a Boca do Mato. O Rio de Janeiro, a partir do século XIX, passou por processos de expansão muito intensos, decorrentes de muitos motivos: surgimento dos bondes, o esgotamento do sistema escravista, o crescimento da industrialização e o declínio das atividades cafeeiras. Esse crescimento se deu em duas direções, “um em direção às zonas sul e norte – redutos das classes médias e alta –, e outro em direção aos subúrbios, ocupados pelas classes proletárias”. Esse movimento ecoou, também, na Boca do Mato.

Com o advento do bonde, a partir da segunda metade do século XIX, distâncias foram estreitadas e, por consequência, novas áreas passaram a ser mais ocupadas. Com o subúrbio não foi diferente, o bonde significou uma grande mobilidade, ligando-o ao centro. Foi em 1868 “o início oficial do serviço de carris na cidade do Rio de Janeiro...” e foi no dia 13 de maio de 1886 que o “Boquinha” – apelido do bonde que fazia o trajeto “Bocca do Matto – Meyer” – botou os seus aparelhos para funcionarem.

Entretanto, apesar dessa grande expansão territorial e do avanço do bonde, o Estado não se importou e nem se mobilizou em atender todas as demandas. Se por um lado, as zonas mais perto do centro, que foram ocupadas pelas classes médias e altas, tiveram a mão do Estado para ajuda-las, o subúrbio nem um dente recebeu. E foi assim, desdentada e desordenada – em termos da presença do Estado –, que a Boca do Mato cresceu. Podemos entender como foi esse processo de ocupação em muitas passagens do livro de Da Vila, que traz a memória de sua mãe:

“A maioria dos lugares naturalmente se desenvolve, mas há uns que estagnam e outros que decaem. A Boca do Mato, me dói dizer, foi um bairro que decaiu. [...] Pelo descrito dá pra imaginar que o morro da Boca do Mato não era uma favela amontoada de barracos como é hoje...” (DA VILA, 2003, p. 26-27)

Existência e resistência cultural

Os quilombos são comunidades de negros que atravessam a história do Brasil desde a época colonial até hoje. Foi uma das mais fortes resistências ao colonialismo no Brasil. Quando se começou a ter notícias sobre – em 1575, na Bahia –, eram chamados de mocambos e só posteriormente foram denominados de quilombos. Essas comunidades se proliferaram em nosso território como em nenhum outro, devido as suas capacidades de articulação com as regiões vizinhas. Os quilombos e mocambos realizavam trocas

Madureira e a lista continua. Bairros considerados o “berço do samba”. Além de já ter tido a sua própria escola de samba, chamada “Aprendizes da Boca do Mato”, que desfilou cantando um samba-enredo que Martinho da Vila fez aos 15 anos sobre a vida de Carlos Gomes (DA VILA, 200) e, como visto antes, homenageada em um samba-enredo de 1972 pela Unidos de São Carlos, antiga Estácio de Sá.

As religiões se fazem presente com uma grande intensidade também, sendo parte do cotidiano dos moradores. Podemos encontrar muitas representações religiosas nas fachadas e interiores das casas, além de acontecerem grandes festividades na comunidade. No candomblé, tive a oportunidade de participar da festa dos Erês que podemos observar nas fotos abaixo.

Foto 1
Fotógrafo Guido Dowsley. Boca do Mato, 2017



Foto 2
Fotógrafo Guido Dowsley. Boca do Mato, 2017



Foto 3
Fotógrafo Guido Dowsley, Boca do Mato, 2017



Foto 4
Fotógrafo Guido Dowsley, Boca do Mato, 2017



Entretanto, a maior e mais significativa festividade é a Folia de Reis chamada de Cruzeiro do Sul. Essa mobiliza muitos moradores. De acordo com o morador Rona Neves, que foi entrevistado para a pesquisa, A Folia foi fundada em 1942 pelo seu Manoel Valente. A seguir, podemos observar a Cruzeiro do Sul recebendo outras folias em sua comunidade.

Foto 5
Fotógrafo Guido Dowsley, Boca do Mato, 2017



Foto 6
Fotógrafo Guido Dowsley, Boca do Mato, 2017



Foto 7
Fotógrafo Guido Dowsley, Boca do Mato, 2017



Foto 8
Fotógrafo Guido Dowsley, Boca do Mato, 2017



Conclusão

Este relatório apresenta considerações preliminares desses primeiros dois meses de pesquisa. Vale realçar que este trabalho ainda se encontra em andamento e faz parte de um projeto maior que se chama ConstelAções Transatlânticas.

O projeto ConstelAções Transatlânticas, em busca das narrativas que cruzam esse imenso oceano entre América Sul e África, tem por objetivo pesquisar as histórias e manifestações culturais da comunidade Boca do Mato, localizada no Rio de Janeiro e da Cidade de Macuti, na Ilha de Moçambique. Entender quais são as aproximações e distanciamentos que esses dois locais viveram, a partir das culturas, resistências e processos históricos de marginalização social e racial, que se manifestam, inclusive, na ocupação dos espaços físicos.

A pesquisa busca evidenciar, também, o olhar daqueles que vivem essas histórias, fazendo um movimento contrário ao da única narrativa – a ocidental. Narrativa que aprisiona essas populações.

O dedo,
Desde pequeno geral te aponta o dedo
No olhar da madame eu consigo sentir o medo
Você cresce achando que é pior que eles
Irmão quem te roubou te chama de ladrão desde cedo
Ladrão
Então peguemos de volta o que nos foi tirado
Mano
Ou você faz isso ou seria em vão o que os nossos ancestrais teriam sangrado
De onde eu vim quase todos depende de mim
Todos temendo meu não
Todos esperam meu sim
Do alto do morro
Rezam pela minha vida
Do alto do prédio
Pelo meu fim
Ladrão
No olhar de uma mãe eu consigo entender o que pega com o irmão
Tia, eu vou resolver o seu problema
E faço isso da forma mais honesta
E mesmo assim vão me chamar de ladrão
Ladrão
Hat-Trick
Djonga

Referências

- 1-BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: LIMA, L. Costa (Org.). Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- 2-_____. A câmara clara. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

- 3-BITTER, Daniel. A Bandeira e a Máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais na Folia de Reis. 2008. 191f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). UFRJ, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.proibidao.org/wp-content/uploads/2011/12/Daniel-Bitter_A-Bandeira-e-a-Mascara.pdf>. Acesso em: 30 de abril 2019.
- 4-CARNEIRO, A. Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2005.
- 5-CASTRO, Zaíde Maciel de e COUTO, Aracy do Prado. Folia de Reis. Cadernos de Folclore nº 16. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.
- 6-CHAVES, Wagner Diniz. Na jornada de Santos Reis – Conhecimento, ritual e poder na folia do Tachico. Maceió: EDUFAL, 2013.
- 7-DA VILA, Martinho, Memórias Póstumas de Teresa de Jesus. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2003.
- 8-FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- 9-GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. In: Horizontes antropológicos. Porto Alegre, 2:161-185, jul/set. 1995.
- 10-GOMES, Flávio S. Quilombos/Remanescentes de quilombos. In: Dicionário da Escravidão e liberdade. São Paulo, Editora Schwarcz S.A., 2018, p. 367.
- 11-MAGNO, Marluce. Culturas populares, Políticas Públicas e Patrimonialização: (Des)encontros na Folia de Reis de Valença, Rio de Janeiro. 2016. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). UNIRIO, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss400.pdf>> Acesso em: 30 de abril 2019.
- 12-MEAD, M.; BATESON, G. The Balinese character: a photographic analysis. New York: Academy of Sciences, 1942.
- 13-MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA da UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 32, p.122-151, dez. 2016.Semestral.
- 14-_____. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- 15-MESQUITA, Claudia. De Copacabana à Boca do Mato: O Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.
- 16-MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: SECAD/MEC, 1999.
- 17-SANTOS, Boaventura S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências sociais*, 63, 237-280. 2002.